

3

O Museu da Geodiversidade: origens e desafios

Os museus universitários, nascidos apenas com objetivo científico e para uso didático em nível universitário, defrontaram-se com a necessidade de se transformarem, de centros restritos de estudo, em centros com atividades bem mais amplas. De fato, foram-lhes confiadas tarefas que são próprias de qualquer museu, a tutela do patrimônio científico, a coleta não necessariamente para fins de pesquisa do material, e também um tipo de divulgação em nível não propriamente universitário (PINNA, 1989 *apud* ALMEIDA, 2002, p. 27).

Para apresentar o museu no qual se realizou esta pesquisa, foram utilizados o catálogo e o *site*⁵ da própria instituição. Contudo, um pouco dessa história contada aqui não se encontra em nenhum registro escrito, visto que é material coletado no dia a dia desta pesquisadora, a qual é parte da equipe e tem informações privilegiadas sobre o que se passa no local e como o MGeo vem se desenvolvendo.

O fato de ser membro do espaço foi um aliado em muitos momentos, pois facilitou questões que costumam ser difíceis como: o acesso ao campo, a conquista dos funcionários do lugar em que se pesquisa e dos pesquisados; a liberdade de movimentação e o maior controle sobre as situações inesperadas que surgem, além de conhecimento prévio sobre as visitas que ocorriam. Todas essas, sem dúvida, colaborações prestimosas.

Todavia, essa mesma inserção e proximidade trouxeram dificuldades, sendo redigir este histórico a parte mais complicada. Afinal de contas, alcançar o distanciamento e estranhamento necessários para relatar o museu com um olhar crítico e impessoal exige bastante foco na objetividade.

Seguindo, portanto, o que sugere Da Matta, foi tentado ao máximo vestir a capa de pesquisador e “transformar o familiar em exótico” (DA MATTA, 1978, p. 30), buscando uma apresentação do MGeo nas linhas que se seguem afastada dos sentimentos pessoais e o mais próxima possível da neutralidade e rigor científicos.

⁵ Fonte: <http://museu.igeo.ufrj.br/>

3.1.

O início do Museu e suas relações com a história dos museus no Brasil

O Museu da Geodiversidade (MGeo) embora recente, tendo sido criado em dezembro de 2008, tem suas origens associadas ao período de surgimento dos museus brasileiros no século XIX. Afinal, uma parte de seu atual acervo foi trazida por Dom João de Portugal quando o mesmo, juntamente com sua corte, resolveu se transferir para sua principal colônia, o Brasil. Tal acervo, uma importante coleção mineralógica, inicialmente se tornou parte do Gabinete Mineralógico da Academia Real Militar, concebida em 1810.

Essa Academia, em 1858, (então renomeada de Academia Imperial Militar) se desmembra e origina a Escola Militar e a Escola Central, sendo esta última a detentora do então acervo. A Escola Central passaria ainda por novas transformações, se tornando em 1874 em Escola Politécnica do Rio de Janeiro, e, em 1937, em Escola Nacional de Engenharia, pertencente à Universidade do Brasil (UB), posteriormente conhecida como Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Alguns anos depois, já em 1958, foi criado o primeiro curso de Geologia do Rio de Janeiro (quinto do Brasil) influenciado pelas demandas impostas pela necessidade de estudos sobre os recursos minerais e energéticos que trariam grandes avanços para o país. Em 1961, esse curso passa a ser denominado de Escola Nacional de Geologia, sendo, quatro anos depois (em 1965), incorporado ao Curso de Geologia da Faculdade Nacional de Filosofia da UB, na qual estava guardada a coleção.

Em 1967, quando a Universidade do Brasil passa a ser nomeada como Universidade Federal do Rio de Janeiro, é criado o Instituto de Geociências (IGEO), fruto da união entre a Escola Nacional de Geologia e os cursos de Geografia, Meteorologia e Astronomia, partícipes também, da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga UB. Foi, portanto, a partir da composição do IGEO com seus respectivos departamentos que houve a reunião do acervo que passou a ser de sua responsabilidade.

Inclusive, o mobiliário que fazia parte do Museu de Mineralogia do Curso de Geologia da então UB, que ficava no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS- no Centro da cidade do Rio), foi também transferido para o novo prédio do

IGEO, o qual passou a se situar na Ilha do Fundão. A partir de então, o acervo de materiais geológicos não parou mais de crescer. Quarenta anos depois, foi criado pelos docentes geólogos do IGEO o Museu de Geologia com a finalidade de guardar e divulgar esse acervo colecionado por tantas décadas.

No entanto, essa movimentação de criação da instituição não se deu de forma tão ligeira. Somente no final do ano de 2008, durante a comemoração do jubileu de ouro do início do primeiro curso de Geologia do Rio de Janeiro, o Museu de Geologia, agora chamado de Museu da Geodiversidade, inaugurava a sua primeira exposição. A modificação do nome se deu após reflexão dos professores envolvidos no projeto de que esse espaço servia não apenas para divulgar a Geologia, mas as Geociências de uma forma geral, visto que o conceito de geodiversidade que o nomeia busca compreender como se dá a relação da evolução da Terra com os seres humanos que nele habitam e que fazem uso de seus recursos para fins socioeconômicos.

A partir dessa nova compreensão não apenas um nome se modificava, mas uma nova conformação surgia. O MGeo passou, então, a ser incorporado à estrutura administrativa do Instituto de Geociências, visando, pelo menos na teoria, contemplar também os conhecimentos dos demais cursos existentes no próprio IGEO⁶.

3.2. O Acervo do Museu da Geodiversidade

O MGeo conta com um vasto acervo, que foi acumulado por muitos anos e que continua a ser expandido, visto que os pesquisadores e docentes do IGEO continuam a coletar materiais em suas atividades semestrais de campo. Sua coleção é composta por cerca de vinte mil exemplares, entre rochas, minerais, fósseis, icnofósseis (vestígios de atividades de organismos do passado, como pegadas, excrementos e rastros de invertebrados), documentos e objetos histórico-científicos, artefatos e reconstituições de animais já extintos, classificados nas seguintes coleções: a) Coleção de Minerais; b) Coleção de Rochas; c) Coleção de Fósseis; d) Coleção de Icnofósseis; e) Coleção Didática; f) Coleção de Reconstituições; g) Coleção Arqueológica; h) Coleção Histórico-Científica.

⁶ Os outros cursos do IGEO são Geografia e Meteorologia.

Dentre os muitos objetos importantes dessa coleção, podemos destacar um fragmento de ferro bandado oriundo do Grupo Isua na Groenlândia, com cerca de 3,8 bilhões de anos, o qual representa parte da evidência mais antiga de existência de vida no planeta Terra; os holótipos usados para descrição de novas espécies, colaborando para a história da evolução dos vegetais e animais; e um fragmento do meteorito Uruaçu, achado no estado de Goiás nos anos 90.

Para além desses, há ainda a Coleção de Icnofósseis, a maior da América Latina e uma das maiores do mundo, abrangendo uma diversidade de tipos, contextos paleoambientais e temporais que vão desde o Éon Proterozoico (2,5 bilhões de anos) até o Período Quaternário (12 mil anos atrás).

Deve-se acentuar ainda que na coleção de fósseis, a terceira maior do país, a variedade de espécies possibilita retratar a diversidade de vida existente nas diferentes eras geológicas. Uns dos exemplos desse volume e heterogeneidade são as coleções de crocodilos fósseis do Período Cretáceo, muito expressivas tanto pela sua quase perfeita preservação quanto pelas reconhecidas peculiaridades paleobiológicas nelas existentes; e os exemplares advindos da Bacia do Araripe, como invertebrados, dinossauros, pterossauros, e vegetais, os quais constituem o maior quantitativo existente no Brasil fora do seu local de procedência, a Região Nordeste.

A Coleção de Minerais possui também uma pluralidade de amostras, incluindo um enorme geodo de ametista com cristais com tamanho superior a cinco centímetros. Já a Coleção de Reconstituições possui esqueletos de dinossauros com mais de cinco metros de altura, assim como o crânio do maior predador continental que já existiu, o *Purusaurus brasiliensis*.

Por essa breve mostra logo fica evidente como esse amplo acervo é relevante não apenas em termos científicos, como também em termos históricos, ao auxiliar tanto na recuperação da história do planeta quanto do estudo de Geologia em nosso país. Soma-se a isso o fato desses objetos serem também extremamente atrativos e curiosos, fazendo grande sucesso entre o público visitante, que muito se admira com a beleza e sortimento dos minerais e demais recursos naturais estéticos, mas, principalmente, se fascina com a diversidade e grandiosidade de certos animais antigos.

No entanto, embora rico, esse acervo se encontra ainda muito disperso por todo o Instituto de Geociências, sendo boa parte dele guardado e catalogado

(quando o é) de forma imprópria ou insuficiente, seja pelos próprios pesquisadores, seja pela equipe do Museu. Muito dessa inadequação se deve a não existência de uma reserva técnica no MGeo, além de quantitativo reduzido de funcionários especializados (museólogos) para fazerem esse tipo de organização e conservação.

Além disso, há ainda dois fatores importantes para o agravamento da situação: a relutância de alguns docentes em abrir mão de suas coletas para o espaço; e a dificuldade em concluir o acervo, visto que o mesmo, como dito anteriormente, cresce continuamente, à medida que novas atividades de campo são feitas e novos achados geológicos e paleontológicos são integrados ao patrimônio material do Museu, geralmente sem o devido descarte de outros menos relevantes.

Entretanto, o que não pode passar despercebidamente é a quase total ausência de objetos relacionados diretamente à Geografia e à Meteorologia no acervo do MGeo, sendo essa exiguidade uma das dificuldades encontradas pela instituição para de fato integrar todo o IGEO a esse espaço, e assim contemplar de forma mais efetiva a geodiversidade que o nomeia.

3.3. A equipe do Museu da Geodiversidade

Conforme já apresentado, o MGeo foi criado em 2008 por iniciativa de alguns professores do IGEO. Contudo, devido às atribuições que os docentes possuíam e ao desconhecimento deles sobre museologia, eles não conseguiram gerir sozinhos esse espaço. Foi necessário, portanto, criar uma equipe para administrar essa instituição.

Em janeiro de 2009, é admitida mediante concurso público uma museóloga para o Museu, a qual trabalha sozinha, acumulando funções tanto de sua área específica, museologia, quanto de educadora em museus. Ela segue apenas as orientações de sua chefia imediata, um dos professores criadores do Museu (o qual se torna diretor da instituição e se mantém no cargo até hoje, acumulando a partir de 2011 o cargo de diretor do Instituto de Geociências da UFRJ). Até que em 2010, em março e em junho, são empossados para o cargo de educadores três técnicos em educação e mais uma museóloga, respectivamente, ficando o quadro de funcionários composto por seis pessoas.

Nesse momento são criados dois grandes núcleos do MGeo: o Núcleo de Museologia e o setor educativo, chamado de Núcleo GeoEducAtivo. É também nessa época que os documentos que regulam esses tipos de espaços sociais são elaborados: O Plano Museológico e o Plano Educacional, os quais norteiam a concepção de museu assumida pelo Museu da Geodiversidade.

Em linhas gerais, ambas as declarações defendem e definem o MGeo como uma janela que possibilita a interação entre os conhecimentos acadêmico e popular, de modo a não invalidar nenhum deles, mas sim engrandecer cada qual de acordo com as suas necessidades imediatas. Para tal, as ações procuram se pautar pelas teorias mais modernas de museologia e pelas teorias sociointerativas de Piaget e Vigotsky na área educacional.

No entanto, muitas vezes esse embasamento permanece mais no papel do que na ação por motivos diversos, dentre eles: falta de tempo, de recursos materiais e financeiros, e, até mesmo, pouco conhecimento por parte da equipe para efetivar os planos criados. Sem contar a falta de liberdade para agir conforme os desejos da equipe educativa e museológica, as quais tem que se submeter às determinações dissonantes da direção.

Apesar dos avanços na consolidação da instituição, alguns inconvenientes ocorreram. A terceira vaga de educador, por exemplo, ficou ocupada por pouco tempo devido à insatisfação do funcionário com o serviço realizado, o que culminou em sua transferência para outra faculdade da UFRJ. Logo em seguida, esse cargo foi novamente ocupado por outro técnico em educação, que se manteve no mesmo por quase um ano, mas também foi removido para outra função em consequência de sua inadequação para as atividades que precisavam ser desempenhadas.

Como dito, desses quatro membros técnicos restantes duas são museólogas e duas são educadoras licenciadas em Letras e História, o que é, no mínimo, curioso, visto que ambas não possuem formação específica na área de Educação, nem nas áreas científicas que orientam o MGeo. Elas também não possuem experiência de educação em museu, sendo todo o seu conhecimento advindo de leituras feitas depois de comporem o quadro de funcionários e da prática do dia a dia.

O MGeo possui também em sua equipe alunos de graduação da universidade que recebem bolsas de extensão e de iniciação artística e cultural

para contribuírem com a concepção e execução de materiais e de atividades educativas e de divulgação da instituição. Eles são oriundos de diferentes cursos como Geografia, Engenharias Elétrica e Nuclear, Gravura, Desenho Industrial, Indumentária, Escultura, Comunicação Social e Ciências Matemáticas e da Terra, embora os mediadores sejam quase que exclusivamente pertencentes a esse último curso.

Essa forma de angariar pessoas para trabalhar no Museu da Geodiversidade é necessária, positiva e benéfica não apenas por fornecer mão de obra, mas por incorporar e associar os múltiplos olhares trazidos por cada integrante. Entretanto, ela traz o inconveniente da rotatividade, a qual exige que anualmente a equipe permanente do espaço tenha que se dedicar ao treinamento e orientação dos novos membros.

Inclusive, a própria equipe constata a insuficiência de tempo, recursos e conhecimentos técnicos para dar conta de treinar e orientar adequadamente tantos discentes oriundos de cursos tão diversos. Para tentar auxiliar não apenas nessa função, mas no gerenciamento e dinâmica geral do Museu, foram incorporados mais funcionários à equipe: no final de 2011, uma professora geóloga que atua como vice-diretora; e em 2012 uma nova museóloga que trabalha exclusivamente com duas restauradoras na coleção da instituição. Toda essa ajuda, contudo, embora bem vinda parece insuficiente, principalmente pela pouca proximidade e complementaridade das três últimas funcionárias citadas no restante das ações do MGeo.

3.4. O MGeo e suas ações: exposições e oficinas

O Museu da Geodiversidade realiza várias atividades, podendo as mesmas, para uma melhor apresentação, serem divididas em exposições e oficinas. A inauguração do circuito expositivo em 2008 se deu num momento muito singular, no qual o mundo considerou importante refletir sobre o modo de obtenção dos recursos naturais por reconhecer sua finitude.

Como maneira de expressar esse pensamento e incitar ações em escala global, o século XXI foi considerado o século das Ciências da Terra, sendo eleito o ano de 2008 como o Ano Internacional do Planeta Terra pela ONU –

Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas. O ano seguinte passou a ser o Ano Internacional da Astronomia; 2010 foi o Ano Internacional da Biodiversidade; 2011, o Ano Internacional da Química; e 2012 o Ano Internacional da Energia.

Por causa disso, vem havendo uma grande procura por se tratar de tais temas de diferentes modos, sendo um deles através de exposições. E essa é a forma que o Museu vem encontrando para dar sua contribuição ao debate, ou em seu próprio espaço, ou cedendo parte de seu acervo para outras instituições. Em seu *locus*, o museu inaugurou em 2008 com a exposição intitulada “A Geodiversidade Brasileira”, a qual permaneceu até novembro de 2009, quando foi desmontada para que o espaço em questão pudesse ser reformado (após uma inundação), de modo a ser ampliado, reestruturado e modernizado, com recursos obtidos junto à FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos⁷.

O MGeo estabeleceu nesse mesmo ano e no subsequente parcerias com o Museu do Meio Ambiente, vinculado ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro, através da exposição “Visões da Terra: entre deuses e máquinas”; com o Museu da Vida (FIOCRUZ) através da exposição “Pré-História no Brasil: dinos e outros fósseis”, e na Semana Nacional de Tecnologia de 2009 com a mostra “Feras do Cretáceo: a vida encontrando formas de sobrevivência”. Colaborou também entre os *campi* da UFRJ, como é o caso da “Exposição Pretérito Perfeito dos Crocodilianos”, montada no NUPEM – Núcleo em Ecologia e Desenvolvimento Socioambiental de Macaé.

Somente em 2011, o espaço expositivo do Museu da Geodiversidade reabre e inaugura a sua nova exposição de longa duração: “Memórias da Terra” realizada com o apoio da FAPERJ⁸ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, do CNPq⁹ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

⁷ A FINEP é uma empresa pública vinculada ao Ministério de Ciência Tecnologia e Informação que tem como missão promover o desenvolvimento econômico e social do Brasil por meio do fomento público às áreas referentes ao seu ministério em empresas, universidades, institutos tecnológicos e outras instituições públicas ou privadas.

Fonte: http://www.finep.gov.br/pagina.asp?pag=institucional_empresa

⁸ É uma Pessoa Jurídica de Direito Público, vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia e tem como objetivo fomentar a pesquisa e a formação científica e tecnológica necessárias ao desenvolvimento sócio cultural do Estado do Rio de Janeiro. Fonte: http://www.faperj.br/interna.phtml?obj_id=42

⁹ O CNPq é uma agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) que tem como principais atribuições fomentar a pesquisa científica e tecnológica. Fonte: <http://www.cnpq.br/web/guest/o-cnpq;jsessionid=3E6EC5C2E5D0229117909829A174BFED>

Tecnológico e da Petrobras¹⁰, que continua a ocupar o circuito expositivo do MGeo.

Essa exibição trata do Planeta Terra a partir de uma concepção holística, de moda a contemplar a geodiversidade, já que esta é fruto do entrelaçamento entre vida e substrato terrestre e entre vida e processos geológicos, os quais geram paisagens, rochas, minerais, fósseis e solos. O objetivo dessa exposição foi apresentar um pouco disso para o público, explicando os porquês sem deixar de despertar o olhar estético sobre o elemento natural.

Foi também intencional não desvencilhar o Homem de todo esse processo, demonstrando como sua interação com o meio é uma dinâmica dialética que age tanto sobre o sujeito quanto sobre o objeto, fazendo com que ambos se alternem nesses papéis. Em termos didáticos e museográficos, essa exposição foi dividida nos seguintes módulos: a)Abertura; b)Terra: um planeta em formação; c)Terremoto; d)Minerais: frutos da Terra; e)Mares do Passado; f)E a Vida Conquista os Continentes...; g)Feras do Cretáceo; h)Paleojardim; i)A Era dos Mamíferos; j)O Monstro da Amazônia; k)Os Primeiros Americanos; l)Tecnógeno, Uma Realidade.

Vale sublinhar alguns destaques dessa exposição como um grande exemplar de estromatólito, que é uma estrutura carbonática derivada da ação fisiológica de cianobactérias (as quais são responsáveis pelo aumento expressivo de oxigênio na atmosfera terrestre e possibilitadoras de uma explosão de vida antes inexistente no planeta). Também é preciso mencionar a existência de um chão interativo que simula um terremoto a partir da abertura de uma crosta vulcânica, além de objetos cenográficos, como uma Terra primitiva possuidora de crateras, vulcões e fissuras em sua superfície (de onde extravasa fumaça que remete ao calor original do planeta). Há ainda enormes reproduções de dinossauros, crocodilos, pterossauros e crocodilos.

Já em 2012, o MGeo realiza uma nova exibição de curta duração (de março a junho) no Centro de Estudos de Mudanças Ambientais (CEMA), espaço multiuso do IGEO localizado ao lado do circuito expositivo do Museu. Nesse

¹⁰ A Petrobras é uma sociedade anônima de capital aberto, cujo acionista majoritário é o Governo do Brasil, e atua como uma empresa de energia nos seguintes setores: exploração e produção, refino, comercialização e transporte de óleo e gás natural, petroquímica, distribuição de derivados, energia elétrica, biocombustíveis e outras fontes renováveis de energia. Fonte: <http://www.petrobras.com.br/pt/quem-somos/perfil/>

caso, a exposição montada foi uma mostra fotográfica chamada “Abril Negro - Morro do Bumba”, que exibia imagens dos deslizamentos ocorridos em Niterói em abril de 2010 e se propunha a discutir as diferenças e semelhanças entre catástrofes naturais e tragédias sociais.

Nesse mesmo ano, o MGeo começou a executar o projeto intitulado “O Jardim do Tempo Profundo”, que busca musealizar uma área de cerca de 500m² que envolve o Museu da Geodiversidade e o Instituto de Geociências. O objetivo dessa musealização é o aproveitamento da parte externa do Museu para projeção de mais um espaço dedicado à compreensão da importância das Geociências.

Nessa linha de trabalho, O MGeo engajou-se em outra atuação incisiva a respeito do espaço físico em que está inserido: a Cidade Universitária. Com essa ação, ele passou a tratar também do passado geológico e histórico de formação da Ilha do Fundão. Desse projeto surgiu uma parceria estabelecida com o Serviço Geológico do Estado do Rio de Janeiro, o qual possibilitou que o arredor do MGeo (onde ainda existe um dos poucos afloramentos remanescentes da antiga Ilha do Pindaí do Ferreira) abrigasse uma das placas que mapeiam os pontos de interesse geológico do estado do Rio de Janeiro, numa tentativa de valorização desses espaços por meio do projeto Caminhos Geológicos¹¹.

3.5. As Oficinas do MGeo

Para além da visita à exposição, o Museu realiza diferentes atividades educativas tanto dentro quanto fora dos muros da instituição. Especialmente, mas não exclusivamente, nesse período em que o espaço expositivo ficou fechado para obras houve uma grande presença da equipe do MGeo em outros locais difundindo os conhecimentos das Ciências da Terra de uma forma lúdica. Podemos destacar dessa experiência a presença no “Ciência no Parque” realizado na Fiocruz em maio de 2009; a ida ao INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos e a participação na Feira Faperj ambos em 2010; além de eventos

¹¹ O Departamento de Recursos Minerais do RJ, DRM-RJ, na sua função de Serviço Geológico Estadual, idealizou, em 2001, o Projeto Caminhos Geológicos com o objetivo principal de levar a geologia, em uma linguagem simplificada, aos cidadãos comuns, auxiliando no desenvolvimento turístico de regiões e levando a cultura geológica para áreas carentes deste tipo de informação. O Projeto Caminhos Geológicos se materializa através de painéis explicativos sobre a evolução dos monumentos geológicos fluminenses identificados como "Pontos de Interesse Geológico". Fonte: <http://www.caminhosgeologicos.rj.gov.br/sitept/home/>

realizados anualmente, como a Semana Nacional de Museus (SNM) e a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT), esta última promovida pelo Ministério de Ciência e Tecnologia.

Dentre as atividades educativas realizadas podemos citar a exibição de filmes no “Cine MGeo”, a elaboração de jogos como quebra-cabeça 3D, jogo dos sete erros, caça-palavras, colcha para desenhos, desenhos para colorir, e dominó de minerais, todas essas ações, é claro, versando sobre os temas geocientíficos. Outra ação muito importante realizada pelo Museu foi a 1ª Olimpíada Nacional de Geociências, a qual ocorreu ao longo do ano de 2011 e reuniu alunos de Ensino Médio de todo o país nessa olimpíada científica financiada pelo CNPq e pela Petrobras.

3.6. As visitas ao MGeo

No ano de 2009, quando o espaço expositivo do Museu ainda estava aberto, houve um grande volume de visitas ao mesmo, sendo a maioria desse público o visitante escolar. Em sua reabertura em setembro de 2011, a procura pela visita ao espaço voltou a ocorrer com considerável volume. Contudo, como a equipe educativa do Museu ainda se encontrava envolvida com a finalização da olimpíada, não houve uma divulgação maciça sobre o espaço, ficando o mesmo aberto, mas sem ainda uma ação específica de visitação sobre ele.

As visitas até aconteciam, principalmente a de grupos escolares, mais por pressão e iniciativas próprias das instituições formais do que por escolha dos funcionários do Museu. Muito dessas visitas, inclusive, foram mediadas por professores da universidade que eram parceiros e colaboradores do espaço museal, visto que ainda não havia sido montado um grupo de mediadores.

Somente em 2012 que a equipe do Museu se organiza, realiza seleção e treinamento para mediadores do espaço e se divulga por e-mail, fundamentalmente, a disponibilidade de agendamentos para grupos, escolares ou não, que queiram vir conhecê-lo. É nesse contexto que se insere a pesquisa, momento no qual o agendamento de visitas escolares é não apenas desejado como muito recorrente.

É então, a partir março de 2012, que o Museu da Geodiversidade inicia o agendamento de visitas para grupos a partir de cinco pessoas que queiram visitar a instituição. No decorrer de todo o ano, contudo, é notório como a maior parte das visitas mediadas agendadas (99%) é para as instituições formais de ensino (escolas de educação básica e universidades).

O MGeo tem disponibilidade para agendar visitas mediadas todos os dias úteis da semana, embora para grupos escolares (cuja a quantidade de pessoas costuma ser grande, por volta de 40/45 pessoas) a disponibilidade seja de apenas três dias, visto serem os horários em que há maior quantidade de mediadores (mínimo de quatro). O agendamento das visitas é realizado por e-mail para todos, mas os interessados escolares têm a confirmação da ida ao MGeo condicionada ao preenchimento de um questionário.

Tal questionário busca conhecer melhor o grupo que virá à exposição (quantidade de discentes, faixa etária dos mesmos, ano de escolaridade, dados da escola), além de procurar saber como o interessado em marcar a ida conheceu o Museu e quem ele é (função, idade, etc.), quais as finalidades que tem na visita, se há preparação ou não para esse momento (investigando também o motivo ou não da preparação assim como o modo que a mesma é feita), além de questionar um pouco sobre os hábitos culturais dos propositores da visita.

As visitas mediadas ao espaço expositivo costumam durar de 30 a 60 minutos (dependendo do número do público e da faixa etária dos mesmos). Para os grupos escolares que são mais volumosos, há uma divisão do quantitativo pela metade, de modo que um meio do grupo ao chegar se dirige primeiramente ao espaço expositivo (após uma recepção pela equipe e orientação para ida ao toalete e ingestão de água). Já a outra metade ocupa o CEMA e realiza nesse espaço as ações educativas citadas anteriormente, sendo essa dinâmica alternada posteriormente de modo que todos participem de tudo.

Quando agendam as visitas, os grupos escolares são orientados a levar para cada 10 alunos um acompanhante adulto, que pode ser professor ou qualquer outro funcionário da escola, até mesmo os responsáveis dos estudantes. No momento dessa divisão, os responsáveis adultos também se dividem de modo que, em ambos os espaços haja a presença dos mesmos. Contudo, nem sempre tal solicitação é atendida pelos escolares, o que às vezes causa desordem e confusão

não apenas para o grupo que está de passagem no Museu como para a própria equipe do espaço cultural que nem sempre consegue dar conta dessa situação.

No que concerne às visitas espontâneas, as mesmas só costumam ser comunicadas antecipadamente se forem compostas por grupos grandes, de modo que não coincida com o período de visita das escolas. Para esses não há mediação, visto que o espaço não dispõe de bolsistas que fiquem no espaço expositivo atendendo a esse público.

As visitas espontâneas e agendadas não costumam ser avaliadas, tanto no que se reporta à qualidade do atendimento dos mediadores e ao potencial comunicativo da exposição, quanto no que tange ao melhor conhecimento do público. Embora a equipe valorize e reconheça a necessidade desse tipo de ação, ainda não se colocou em prática esse estudo, o que reforça a importância desta pesquisa não somente para o contexto macro de investigações das instituições museais, mais também para o contexto específico do Museu da Geodiversidade.

Logo, agora que já se tem o cenário da pesquisa apresentado, falta trazer a este estudo os conceitos que embasam o mesmo e que servirão de norte para traçar e fundamentar toda a parte empírica da pesquisa.